

# UMA TAÇA DE PORCELANA BRANCA E UMA ASA DE GRÉS NA “ARCA DE MIJAVELHAS”

HISTÓRIA E ESTÓRIAS REVELADAS PELA CONSTRUÇÃO DA ESTAÇÃO DO CAMPO 24 DE AGOSTO DO METRO DO PORTO

**IVA TELES BOTELHO** Arqueóloga, Metro do Porto, S.A.. [iva.botelho@metro-porto.pt](mailto:iva.botelho@metro-porto.pt)

**RESUMO** E já Fernão Lopes falara neste “pequeno espaço da cidade” e no seu chafariz de Mijavelhas, na “Crónica de D. João I”. Fernão Lopes e não só. De lá para cá, por entre quem administrava as águas do Porto, o manancial de Mijavelhas e sua arca com armas reais foram sendo retidos na memória... E, claro, o sítio e a ribeira, detentora primeira do topónimo, também eram conhecidos dos Historiadores do Porto.

Escapou, contudo, tudo isto ao *Estudo de Impacte Ambiental para a “1.ª Fase da Construção do Metro do Porto”*. E por isso coube à Obra do Metro do Porto – concretamente, à do “Projecto de Desvio de Redes” para a execução da obra do T04.05 da Linha A, ou *Estação de 24 de Agosto* – revelar inusitado potencial arqueológico: uma estratificação multissecular de que assoma em importância e novidade a fase construtiva remontante à Época Moderna!

Mas no cerne desta reflexão, o *Depósito 006f*, uma *taça branca de porcelana*, reconhecida numa fragmentada quinta parte da sua totalidade, e, marginalmente, uma *asa de grés porcelânico*. Depósito 006f, integrado naquela fase que consistiu na transformação de uma fonte de mergulho em fonte de espaldar, bem como no melhoramento do piso envolvente. Elemento para *terminus post quem*: a pedra de armas reais já do “Portugal Moderno”, presente no frontispício da fonte; elemento para *terminus ante quem*: o prazo de fateuzim, celebrado entre a Câmara e António de Madureira, em 1548.

Depósito 006f que foi selado pelo lajeado colocado no século XVI... e desselado pela obra pública do século XX... mas exumado já no século XXI!

– Deposição singularmente temporã? Resultado de contaminação por Obra? Como entender esta entrada da porcelana no “registo arqueológico” do Campo 24 de Agosto?

É este o *leitmotiv* desta exposição e, a propósito, alguma da História revelada e *estórias* suscitadas pelas obras do Metro do Porto.

**PALAVRAS-CHAVE** Metro do Porto, Mijavelhas, Ming, porcelana branca

## 1. INTRODUÇÃO

É objecto deste artigo apresentar alguns dos resultados conseguidos nas obras do Metro do Porto (primeira fase de construção), particularmente motivados pela investigação levada a efeito no Campo 24 de Agosto, Porto, e, paralelamente, chamar a atenção para algumas problemáticas suscitadas pelo *registo arqueológico* em contexto de obra.

Assim, providenciou a implementação da *Estação de 24 de Agosto* a descoberta de inusitado potencial arqueológico, contrariando a avaliação de sensibilidade prevista em sede de Estudo de Impacte Ambiental: não lhe diagnosticou este – ao *lote To4.05 da obra da Linha A*, inserido em canal de metro enterrado e ocupando o subsolo do Jardim Menor do Campo 24 de Agosto –, especial potencial, dado que integrado em “(...) espaços ainda pouco urbanizados no século XIX, representando ao

*nível do património, impactes menos sensíveis”* (Coba, 1997, p. 4/80-81). Decorrentemente, preconizava, tão-só, sondagens prévias de diagnóstico.

Preconizava também que o *Programa de Salvaguarda do Património* para mitigação de impactes deveria ser implementado pelo *Dono de Obra*, a Metro do Porto, S.A.. Entretanto, a Obra foi executada sob a responsabilidade do Consórcio Normetro, A.C.E., ao abrigo de um *Contrato tipo “Concepção-Construção”*. E foi assim que coube a este – pelo *chave-na-mão*, incumbido de “conceber, projectar e construir” –, a autoria de tal descoberta: na Primavera de 1999, uma pesquisa arquivística de apoio à elaboração do Projecto de Desvios de Redes indiciava a sensibilidade arqueológica do local, e todo o processo de investigação acabou por ser desencadeado pela descoberta de um reservatório de pedra desactivado, para a memória, registado em relatório sobre a condenação do “manancial do Campo

Grande” (topónimo prévio do Campo 24 de Agosto), elaborado pelos S.M.A.S, em 1958.

Assim se lhe reportava o mesmo:

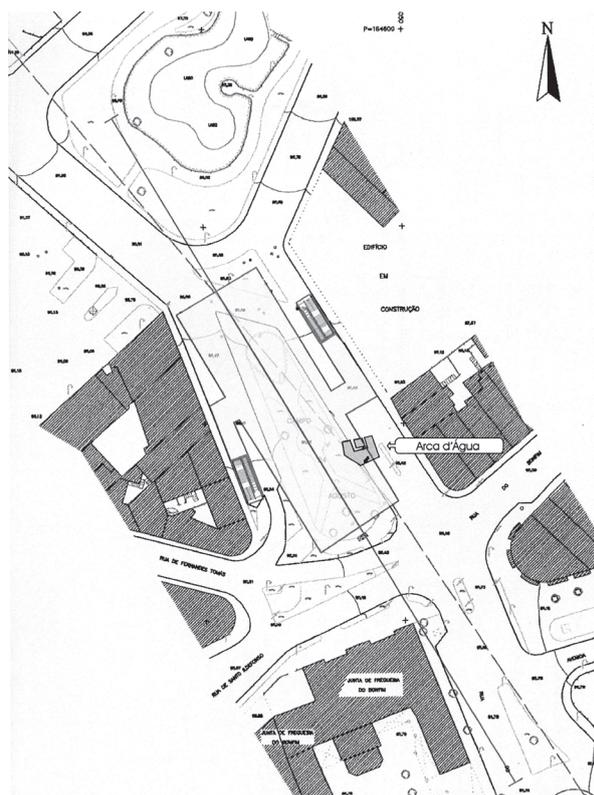
«Tendo-se procedido a limpeza sumária das paredes da arca, foi encontrada na galeria Poente e na parede Nascente, uma pedra com as armas reais. Serão estas as armas a que se refere o livro manuscrito arquivado nestes serviços – Águas Municipais – o qual a folha 52 diz: “pela câmara em 22 de Setembro de 1548 com o foro anual de 160 réis estava incluído este terreno como pertença da Quinta do Reimão e era nele que existia a referida fonte [Manancial de Mijavelhas], metida numa arca que tinha em cima as armas reais, sinal bem claro de pertencer à cidade (...)”?»<sup>1</sup>

Campo Grande e Mijavelhas, topónimos que, juntamente com outras fontes manuscritas<sup>2</sup>, faziam a equipa de engenharia aventar hipótese localização de “duas arcas ali, em 24 de Agosto, uma mais a Norte e a outra, mais a Sul”.

A resposta encontrava-se em Henrique Duarte Souza-Reis<sup>2</sup>, homem dedicado a pesquisa histórica sobre os “Mananciaes e Fontes Publicas da Cidade”, que esclarece o seguinte sobre o referido Manancial do Campo Grande:

Foi “(...) denominação posterior que se lhe deo por assim se (sic) o lugar aonde assenta a sua arca, sendo moderadamente mudado o nome para =Campo 24 d’ Agosto= notando se que a esta nascente se chamava primitivamente =Mijavelhas=.”<sup>3</sup>

Entretanto, bem anteriormente, por referência a Mijavelhas, já Fernão Lopes evocara no local um chafariz, na “Crónica de D. João I”. Mijavelhas, antes de mais, topónimo da ribeira tributária do Douro, cujo trajecto era intersectado pela saída para a “Estrada de Valongo e além”, como conhecimento dos Historiadores do Porto. O interesse suscitado pela confirmação da existência no subsolo do Campo 24 de Agosto de estrutura de pedra arcada, incorporando um silhar com um “P” gravado e integrando uma *pedra de armas reais* num dos alçados (figs. 1 e 2), motivou hipótese de musealização na estação a construir<sup>4</sup> e, simultaneamente, desencadeou trabalhos de Arqueologia, num total de seis campanhas de trabalhos de campo implementadas em articulação com a Obra.



1. Implantação do reservatório no Campo 24 de Agosto, de acordo com o levantamento dos S.M.A.S, e sua intersecção pelo projecto da estação (sobreposição da autoria do Arq.º Tomás Allen, da Metro do Porto, S.A.).

Trabalhos esses iniciados pela signatária em 1999, ao serviço da Metro do Porto S.A., com o levantamento do imóvel, mas tendo também envolvido a ERA – Arqueologia, Lda. em 2000, na escavação do sítio e, finalmente, a Arqueohoje, Lda.; esta foi primeiramente adjudicatária da Normetro, e depois, em 2002, executou trabalhos em parceria com a Metro do Porto, sendo estes últimos da responsabilidade científica da signatária. No total, revelaram uma estratificação arquitectónica multissecular centrada no aproveitamento dos recursos hídricos do sítio. A um tempo, também confirmaram, *grosso modo*, a diacronia intuída a partir dos relatos do século XIX e revelaram inusitados pormenores que acrescentaram de novidade a História Urbana do Porto neste arrabalde, já no *termo velho* da cidade. Assim, assomou em importância histórico-arqueológica a fase construtiva remontante à Época Moderna, na sua manifestação de renovação: uma requalificação do espaço, evidenciando conhecimento pelo cânon renascentista, como se tentará demonstrar.

Mas nesta estratificação, destaque-se aqui o testemunho do Velho Mundo daqui, da Terra Lusa, lançado nos mares e na busca de Novos... e de outros Velhos Mundos, renovadamente reconhecidos. Destes, do dos lados do Cantão, no Campo 24 de Agosto – Bonfim, Porto –, estão presentes o grés e a porcelana em infi-

1. Designadamente, desenhos dos séculos XVIII e XIX.  
 2. “Official Maior da Secretaria da Municipalidade” do Porto, no 3.º quartel do século XIX.  
 3. Souza Reis (1861) [fl. 141 e 141 v].  
 4. Foi assim que se procedeu à alteração de projecto de arquitectura em fase incipiente da sua elaboração, e se criou o *Mezanino Baixo* da estação destinado à *integração/musealização da “Mãe d’Água”*.

mos fragmentos informes, mas também numa *tacinha branca*, artefactos identificados em contexto selado ainda no século XVI.

- Deposição singularmente temporã? Resultado de contaminação por Obra? Como entender esta entrada da porcelana no “registo arqueológico” do Campo 24 de Agosto?

É este o *leitmotiv* desta exposição, com que – mais do que apresentar revelações – se pretende colocar à disposição da comunidade científica algumas questões para reflexão.

## II. O ACHADO

### 1. UMA TAÇA BRANCA DE PORCELANA NO DEPÓSITO 006 DA ESTRATIFICAÇÃO DO CAMPO 24 DE AGOSTO

#### 1.1 A taça branca de porcelana

Descrição técnica: taça com pé recuado e parede arredondada que se projecta para o exterior junto ao bordo; peça modelada em pasta muito fina de porcelana branca e vidrada a branco; vidrado acetinado, translúcido; Ø: 180 mm, alt.: 84 mm (figs. 3 e 4).

Esta peça foi reconstituída a partir da colagem de sete fragmentos de um conjunto de oito, exumados todos juntos no depósito 006, amostra 006f, sendo de destacar o seu óptimo vidrado (fig. 3).

#### 1.2 O Depósito 006 e a amostra d.006f

Trata-se o Depósito 006<sup>5</sup> deste sítio, de formação de solo conectada com o assentamento da requalificação do espaço ocorrida na Época Moderna. Devendo ter resultado de uma deposição intencional para preparação da cota de base daquela requalificação, encontrava-se em grande parte selado por uma superfície lajeada. Contudo, esta referência engloba um conjunto de depósitos variando em características sedimentológicas, o que levou à discriminação de 7 amostras, elencadas de *d.006a* a *d.006g*. Contendo cerca de 3000 fragmentos cerâmicos pertencente a vasilhame de uso doméstico, caracterizam-se estas inclusões artefactuais por registarem larga supremacia de cerâmica fosca

5. Designação assim atribuída, numa abordagem macro à deposição do sítio.

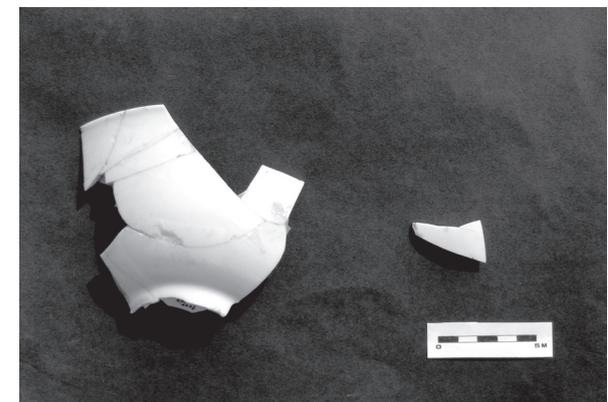
Desde já se esclareça a seguinte opção metodológica usada nos trabalhos dentro das adjudicações à Arqueohoje: na linha de Martin Carver (1990), os contextos foram referenciados de acordo com o seu tipo – *depósitos*, *estruturas* e *valas* –, e identificados segundo séries autónomas alfa-numéricas, respectivamente, pelas letras *d.*, *e.* e *v.*, seguidas de número. Em relação aos depósitos foi também atribuída referência seriada subordinada à sedimentação macro do sítio, sendo, dentro desta seriação, discriminadas todas as variações registadas, identificadas por alíneas, como anotado já de seguida no texto.

Foto Engenho



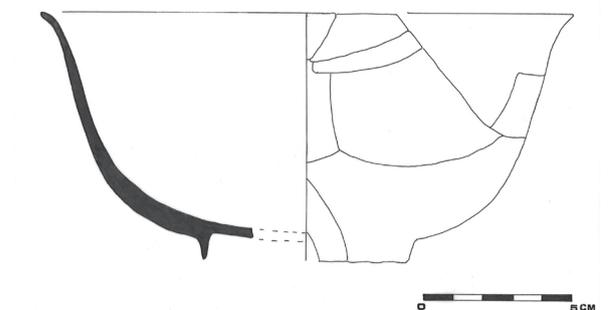
2. “Musealização de arca de Mijavelhas e do reservatório do Campo Grande na estação de 24 de Agosto. Observe-se o escudo no frontispício da arca.”

Iva Botelho



3. Peça colada.

Iva Botelho



4. Taça de porcelana.

sobre as produções vidradas (numa proporção aproximada a 5/1). Entre os fabricos vidrados, incluem-se fragmentos de vidro de chumbo de tonalidades meladas, amarela e verde, bem como fragmentos de faianças de importação – designadamente fabricos do Levante Espanhol –, e nacionais do tipo vidrado de estanho sobre pasta vermelha, mas também sobre pastas róseas pintadas a azul-cobalto e/ou vinoso manganês com temas orientalizantes. Significativamente, regista também a presença de porcelanas orientais e de grés. Nomeadamente, nas amostras exumadas em 2000. Mas, entre as diferentes amostras, dá-se aqui destaque à amostra 006f, localizada no limite NE da formação

DEP.006. Trata-se de uma amostra especialmente interessante, dado que assim selado pelo referido lajeado, para além dos fabricos já mencionados e em proporções idênticas, temos o visado conjunto de oito fragmentos de porcelana branca, para além de três fragmentos de grés. Um destes, uma asa vidrada a branco, aparentemente de fabrico muito evolucionado (figs. 5 e 6).

## 2. O CONTEXTO

Passe-se, por isso, ao contexto da amostra d.006f dado pela estratificação arquitectónica.

Como já referido, servindo de assentamento a uma unidade da superfície lajeada (designada de estrutura e.040), juntamente com a amostra d.006g subjacente (um depósito pedregoso), a amostra d.006f colmatava o topo da *Taça Norte* – assim designada por referência à dita *Taça Sul* – de uma fonte preexistente que se interpretou tratar-se como sendo o chafariz de Mijavelhas citado por Fernão Lopes, referência a partir do qual lhe

Rui Lebreiro



5. Asa de grés.

Rui Lebreiro



6. Asa de grés, pormenor.

é atribuído *terminus ante quem* no Ano de 1384.

Quanto ao lajeado e.040, colocado na Época Moderna, veio a ser anulado pela acumulação accidental do “*Depósito 005*”, constituído de terra, pedra e loiça fosca e vidrada (incluindo faiança pintada a azul e a vinoso), que oferece *corpus* singularmente excepcional datado dos segundo e terceiro quartéis do século XVII.<sup>6</sup>

### 2.1 Nos tempos medievos: o chafariz de Mijavelhas

“*Elles todos preste com grande esforço e vontade sahirrom todos fora, e foromsse apousentar ao chafariz de Mijavelhas que he pequeno espaço da cidade (...).*”

*in* Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, Cap. CXIX.

Que se “ (...) *fezessem logo correger e amanhar o chafariz de Miega Velhas*”.

*in* Livro de Vereações, XL, 186 (1414).

#### O chafariz de Mijavelhas!

Como já dito, foi tal estrutura identificada com os vestígios enquadrados na *FASE I da estratificação do sítio*. Sublinhe-se, aquela estrutura *foi vestigialmente reconhecida* a partir de aduela tipo saimel de um arco, assente no que restava de um alinhamento pétreo de cantaria que, juntamente com vestígios de outros dois alinhamentos perpendiculares e respectivos caboucos, enquadrava um poço escavado na rocha, de onde brotava a *nascente de Mijavelhas* na margem esquerda da ribeira.

Estes vestígios foram interpretados como pertencentes a uma fonte de chafurdo – assente no, à Época, afloramento granítico – levantada em cantaria de perpianho, de planta rectangular e possivelmente coberta por abóbada de berço, que reservava e distribuía a água daquela nascente.

Esse chafariz, voltado a Poente, dispunha de duas taças fronteiras mas descentradas em relação àquele e dispostas no sentido aproximado NNO/SSE (fig. 7).

Tendo sido afeiçoadas em depressões do afloramento granítico, estas taças eram estruturadas por dois muretes de cantaria levantados perpendicularmente entre si e de encontro às quebras da superfície rochosa: o muro e.047, correndo naquele sentido, e o muro e.090, correndo perpendicularmente. Taças sujeitas a melhoramentos no Século XV, conforme relatado nas actas das vereações e como testemunhado pela pavimentação lajeada da *Taça Sul* (IB) e subida da cota de fundo da *taça Norte* (IA).<sup>7</sup>

6. Cronologia atribuída a partir das faianças e de acordo com a tipologia de Pendery (Sá, 2011).

7. Os materiais exumados nos depósitos saibrentos bem compactados deste melhoramento confirmam esta cronologia, pois incluem várias faianças de importação: majólica veneziana e produções do Levante Espanhol (*loiça malaqueira e de Paterna-Manises*).

No que concerne a esta discussão, de realçar que o murete NNO/SSE e.047, na secção correspondente ao limite da *Taça Sul*, dispunha de 3,64 m de comprimento.

## 2.2 Na Época Moderna: a arca de Mijavelhas

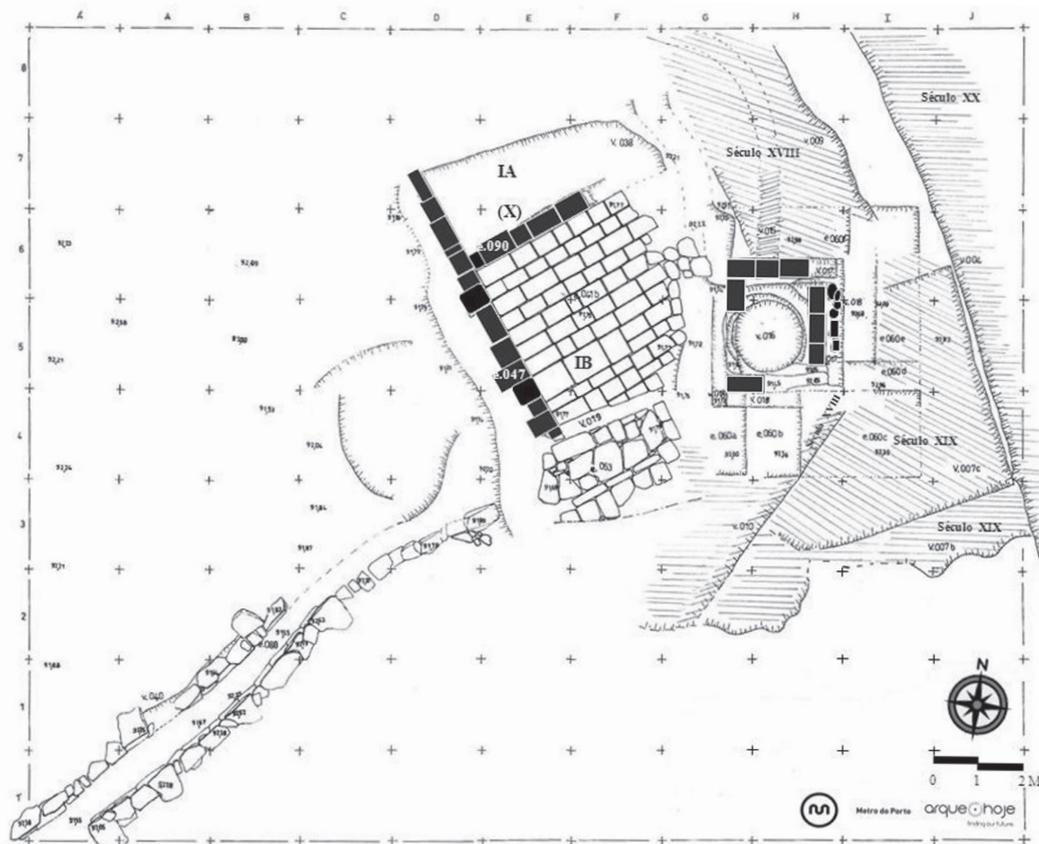
Deve-se tal *estado vestigial* do chafariz medievo à implementação da *FASE II da diacronia construtiva do sítio*, remontante à Época Moderna, como por enquanto tão-somente se assume.

À concepção do novo espaço presidira a incorporação das preexistências naturais e construídas, numa amplificação espacial em área e altura, com orientação principal a Poente e secundária a Sul-poente, como imposto pela topografia de enquadramento. Desta forma, sumariamente, ali onde a “Estrada de Arrifana” ou “de Valongo e além” cruzava a ribeira de Mijavelhas – à Época, limite do termo do Porto e à *distância a cavalo* da Penaventosa e Cidade –, foi criada uma praca lajeada com cerca de 375 m<sup>2</sup> que enquadrava uma *arca de pedra com armas reais*, defronte da qual se estendia uma taça bipartida (fig. 8). Tudo isto partindo da absorção do chafariz e taças medievais.

Pormenorizando, a *fonte de mergulho* (ou chafariz) foi transformada em *fonte de espaldar* (ou arca), mas

o que é de enfatizar é que esta ampliação teve como módulo a *taça sul* daquele, trabalhando a sua métrica, os c. 3,64 m de lado referenciados no seu muro delimitador e.047. De facto, não só a arca foi construída em volta do chafariz, como parece indiciar-se um esforço de rectificação da planimetria deste: de uma estrutura sub-retangular passou-se a uma estrutura de planta quadrangular conseguida através do trabalho das espessuras das suas paredes, com alongamento para Nascente, de forma a conseguir-se os 3,64 m de lado (fig. 8). Mais, esta transformação do chafariz em arca foi acompanhada por nova reconversão das taças, agora resultante da rotação do seu desenvolvimento espacial: mais uma vez trabalhando depressões naturais do afloramento granítico, foi criado um “*espelho de água*”, com orientação aproximada ENE/OSO. Tal conseguiu-se pela construção de uma nova taça (IIB), também ela quadrangular e apresentando a mesma medida, no alinhamento a Poente da antiga Taça “Sul” que, assim, passou a “Nascente”/IIA, por relação com a nova taça.<sup>8</sup>

8. Quanto à antiga taça Norte, por enquanto, informe-se que ela foi simplesmente condenada.



7. Fase I, planta geral com marcação de chafariz e taças. (X): local de deposição da amostra d.006f.

Taças estendendo-se defronte do frontispício da arca de pedra, assim reconhecido pela presença da *pedra de armas reais*... Incompletas, estas: falta-lhes a coroa. Perdida no tempo de lá para cá, seria ela aberta ou fechada? Mas perda que deixa efabular sobre a possibilidade de também aquela medida poder ter estado presente no pé-direito original da arca<sup>9</sup>. Desta forma, ainda que tendo como primeiro e segundo princípios subjacentes os da adaptação ao meio físico natural e antropizado, advinha-se um terceiro de concepção desta requalificação: o do seu cariz proporcionado, resultante do trabalho do módulo dado pela largura da taça sul medieva, fazendo desenvolver *dois quadrados* (as taças), defronte de um insinuante *cuvo* (a arca) (fig. 9). Considerando custos e esforço, será de admitir a sua implementação por iniciativa pública e neste sentido parecem corroborar, ainda que dentro de certos limites, os dados de Francisco Ribeiro da Silva:

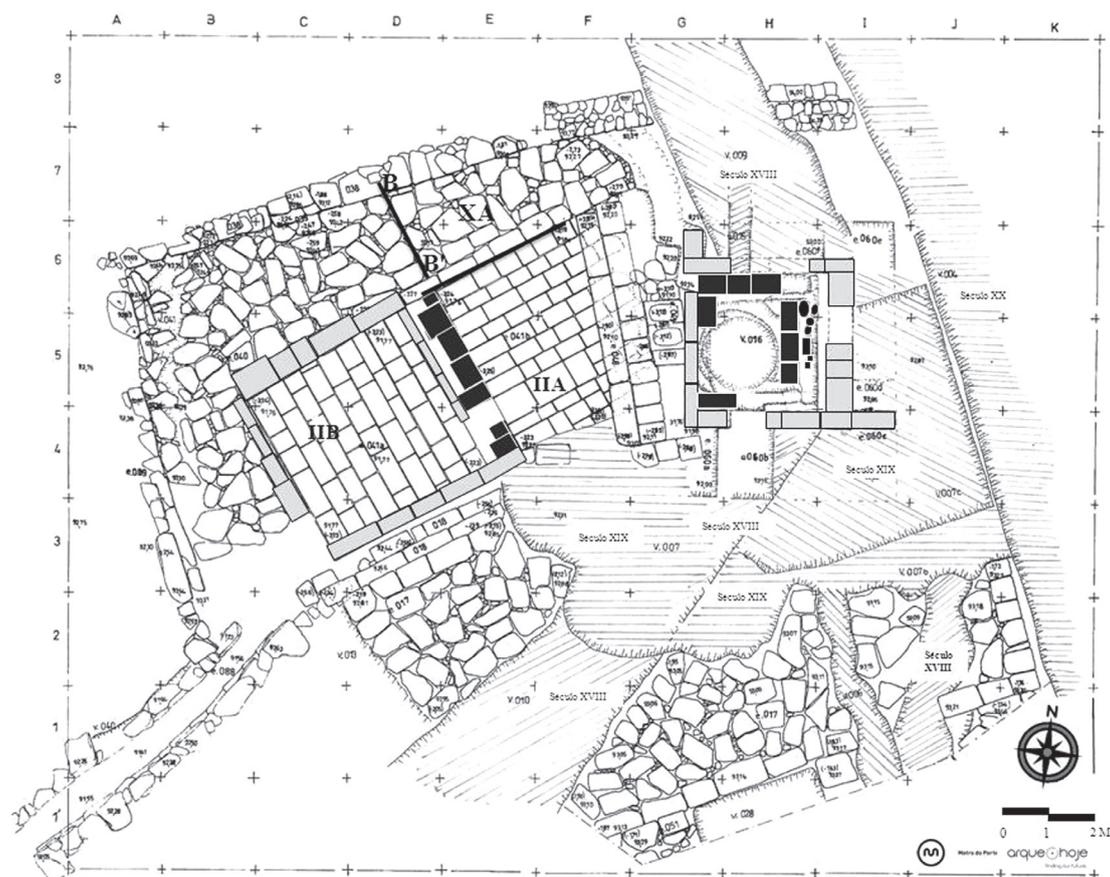
9. Ao Presente, ela chegou com 3,24 m de pé-direito, elevando-se o timbre o escudo a 2,80 m de altura. A respeitarem-se as proporções presentes na fonte do Ladoeiro (Castelo Branco, à E.N. 240), de 1571, é plausível um pé-direito aproximado a 3,50 m.

*“Quem se der ao trabalho de folhear os livros de arrematações das obras públicas do Porto dos séculos XVI e XVII, verificará que o cuidado pelas calçadas e chafarizes situados nos espaços fora de muros é entendido como uma obrigação municipal tal como as ruas de dentro.”*  
(...)

*Todavia, remonta ao período filipino um novo conceito de beleza urbanística que levou, nos primórdios do século XVII, à criação de largos espaços verdes especialmente concebidos para fruição colectiva.”* (Ribeiro da Silva, 2000, 257-261)

- Terá sido mesmo assim?

Pelo que se verificou e descreveu, a mencionada melhoria funcional foi procurada fundamentalmente na perspectiva do melhoramento do piso envolvente – certamente sujeito a encharcamentos –, com a aplicação da calçada de granito (e.040, e.017 e e.051) sobre o Depósito 006, um aterro intencional para seu assentamento. Lajeado cujo extremo NE da sua unidade e.040 selava a antiga taça Norte medieva, que fora simplesmente condenada com depósito de pedra (d.006g), rematado com depósito de terra, *a amostra d.006f* em



8. Fase II, planta geral, com marcação da arca em torno do chafariz e Taça IIB. XA: secção do lajeado e.040 sobreposto ao local de deposição do depósito 006f. Linha B-B': alinhamento de juntas no lajeado e.040.

que se contextualiza o registo das visadas *taça branca de porcelana* e *asa de grés* (fig. 10).

### III. DISCUSSÃO DO ACHADO...

#### 1. DOS DADOS DE PORMENOR...

Recapitulando, a visada taça de porcelana foi reconstituída a partir da colagem de sete fragmentos de um conjunto de oito, exumados num depósito selado e ensacados juntamente com o restante espólio exumado (nomeadamente, a asa de grés), *sem que, no momento, despertassem atenção ao arqueólogo*.

Como descrito, caracteriza-se esta peça pela sua tonalidade branca com vidrado desprovido de decoração, e pela tipologia exvasada do seu perfil, tipologia esta presente na *Dinastia Ming, Período Jiajing* (1522-1566) (Salgado e Matos, 2002). Dinastia Ming com quem Fernão Peres de Andrade trava relações diplomáticas e comerciais a partir dos contactos de fixação no Cantão, em 1517, mas, como assente pela Historiografia, apenas cimentadas a partir da década de 40 seguinte, após atribulado relacionamento sino-português. Independentemente da hipotética consonância limite deste balizamento cronológico para a documentação da presença da porcelana em território português, há porém que sublinhar que, pela sua tipologia decorativa, se trata esta de peça sem referencial publicado; sendo de realçar, a propósito, a qualidade do seu vidrado branco, a olho nu, incomodamente sem desgaste!

Mas, nesta conjugação de dados, atente-se também na cronologia estratigráfica de enquadramento desta deposição.

#### 2. ...AOS DADOS DE ENQUADRAMENTO

##### 2.1 Balizamento cronológico da estratificação arquitectónica

Antes de mais, um elemento de datação presumivelmente seguro para *terminus ante quem*: a celebração de um *contrato de fateusim*, aos 22 de Setembro de

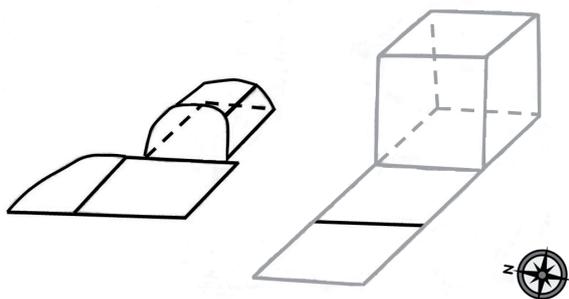
1548, entre a Câmara e António de Madureira, que cita a localização nos terrenos cedidos de uma *arca com armas reais* (Passos, 1955, p.90-94).

Como elemento para definição de *terminus post quem*, para além do depósito 006, constitui-o também a arquitectura em si; e ambos conferem datação reportada à Época Moderna para esta fase da estratificação do sítio. No caso do depósito, precisamente sustentada pela presença versus proporção dos fabricos supra referidos entre o vasilhame de uso doméstico presente, e, quanto à arquitectura, particularmente, pelos indicadores aportados pela *pedra de armas reais*.

Gravadas as *armas* em escudo boleado com chefe de linhas côncavas, apresenta os castelos já fixados em número de sete (fig. 2), devendo por isso, segundo Luís Belard da Fonseca, reportar-se ao Portugal Moderno; autor para quem também seria importante dispor da coroa – como já descrito, elemento perdido no tempo transcorrido – para uma atribuição mais circunscrita. Mas, dado o “*chefe em bico*”, inclinar-se-ia aquele estudioso para a sua atribuição a D. Manuel I<sup>o</sup>.

Figura este escudo descentrado no frontispício da arca e – presentemente – na sua linha de remate sob a cobertura. Quanto à arquitectura, na sua globalidade, retomando o já exposto, começa-se por realçar as linhas depuradas da *arca de Mijavelhas* bem como a sua construção a partir do trabalho de uma medida padrão replicada em vários elementos, de que terá resultado, em síntese, a composição de *um cubo* (a arca) defronte a *dois quadrados* (as taças). Nesta solução final adivinha-se, aqui se defende, um *possível Programa Renascentista subjacente*.

Revelação inusitada esta, ali, em 24 de Agosto, depois da sua memória praticamente perdida...<sup>11</sup> Esclareça-se, revelação inusitada, a de tal requalificação urbana com as referidas especificidades estéticas. Contudo, enquadrável no chamado “*Renascimento de granito do Norte*”, relacionado com a presença de D. Miguel da Silva (Ferreira, 1995, p. 334-336)<sup>12</sup>, no Porto, em finais da década de 20 do século XVI, e do seu arquitecto



9. Desenho esquemático da proposta transformação modular do chafariz em arca.

10. Da correspondência trocada sobre o assunto entre este Especialista e o Arquitecto Tomás Allen, da Metro do Porto.

11. Mas escudo e empreendimento hidráulico presentes em outros pontos do país, também articulado com a proximidade de estradas regionais, merecendo certamente projecto de investigação que cubra o século XVI (Veja-se Galhoz, 1991).

12. Segundo este *Historiador de Arte*, “(...) é sobretudo no Norte que [D. Miguel da Silva] leva a cabo a sua missão [de plasmar os grandes monumentos à romana], aproveitando o vazio manuelino nessa zona e um clima favorável à renovação artística (...). Mestre Francisco estabeleceu-se no Porto, beneficiando do convívio da elite humanística desta “cidade estrangeira de Portugal”, como lhe chamou Holanda (...). O objectivo político desta empresa é evidente, e não deve ter contribuído para melhorar as relações com a família real. Ao redundar os seus senhorios e erguê-los em modelo de vida renascida, D. Miguel criava um Estado dentro do Estado e instituía um pólo de cultura humanística alternativo ao da coroa (...) directamente filiado na imagem da Roma papal do Renascimento.”

Francesco da Cremona, este aqui permanecendo e colaborando com a Câmara mesmo após a partida do Bispo em 1540 (Ferreira, 1995, p. 339). Assim, e tendo presente a data limite de 1548, serão as armas possivelmente atribuíveis a D. João III, o que se propõe corroborado pela tipologia aproximada ao escudo dito “*Português*” ou “*Peninsular*” usado por aquele monarca.

Ano de 1548, porém, não muito consentâneo com o conteúdo artefactual do depósito 006, *se nos abstrairmos da análise percentual dos vários tipos de fabrico presentes!* E, assim, destaca-se a inclusão de fragmentos de faiança de fabrico nacional setecentista, da tipologia presente no depósito 005. Presença, residual, é certo, e por isso levantando a hipótese de possíveis contaminações, como o será o caso da pequena *asa de grés vidrada a branco* de fabrico evolucionado... Já agora, e porque não da *taça branca de porcelana com perfil exvasado e pé recuado?*

Contaminações, porém, de *um depósito selado por um lajeado*. Importará, por isso, abordá-lo com mais detalhe.

### 2.1.1 Estereotomia do lajeado e.040

Recorde-se que subjaz o depósito 006 a superfície lajeada que cobre área com cerca de 375 m<sup>2</sup>, a cuja distribuição por patamares a cotas diferentes se deve a referenciação diferenciada entre e.017, e.40, e e.051. Concretamente, a *unidade de construção e.040* localiza-se sobre o lado Norte do espaço requalificado, selando o seu topo nascente a amostra 006f. No seu conjunto, trata-se de pavimento composto por lajes de

granito de tamanho mediano e boa espessura com tardez pontiagudo cravado naquele depósito de assentamento e com superfície rugosa, anti-derrapante, apresentando contorno sinuoso irregular de que resulta estereotomia global sinuosa. Por isso se chama atenção para um aparente alinhamento de lajes à prumada do muro e.047, no limite da *taça norte medieval* (fig. 8 “B”) que uma observação mais detalhada faz realçar.

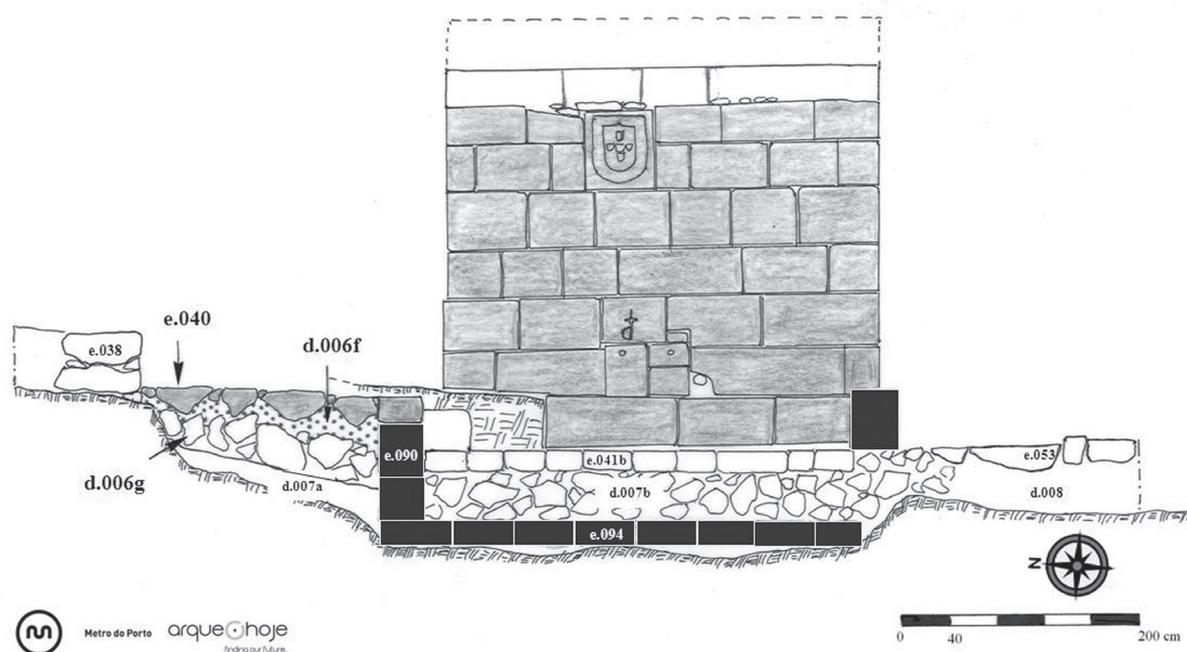
– Poder-se-á interpretar tal alinhamento como *a interface de dois momentos* na colocação do lajeado e.040?

– *Quando e por quem?* Concretizando esta interrogação, já depois de 1548 e, por conseguinte, por obra de *particular?* É plausível tal hipótese, dado tratar-se de espaço de usufruto público?

Há que sublinhar que, tendo este lajeado sido alvo de dois registos em desenho por técnicos e meios diferenciados (a saber, à mão e por fotogrametria), em ambos se observa tal alinhamento!

Finalmente, de salientar que este lajeado foi aplicado com junta larga preenchida com pedrame miúdo e por isso mesmo é que a sua implantação em terreno sujeito a encharcamentos poderá ter permitido solifluxões e contaminações infiltradas por entre aquela.<sup>13</sup>

13. Anote-se também que, à data de exumação em 2000, a sua cota se situava ao nível do freático, levantando alguns problemas de contaminação pela subida da água durante a noite. Para lá do século XVIII, o espaço estava sujeito ao encharcamento pelas águas sobranceiras da nascente após a obstrução do canal e.088 que as escoava para a ribeira, bem como às subidas desta testemunhada pela deposição de areias.



10. Localização estratigráfica das amostras 006f e 006g, sob o lajeado e.040.

## 2.2 Contexto de registo

### 2.2.1 A obra

Uns apontamentos finais nesta problematização do registo arqueológico que enquadra a referida *taça branca de porcelana* (bem como a asa de grés de fabrico evolucionado).

Contexto susceptível a contaminação é, sem dúvida, o de obra.

No caso concreto, serão de reter as seguintes circunstâncias:

- Terá o depósito 006f sido selado ainda na primeira metade do século XVI pelo lajeado e.040 que foi removido na *campanha de trabalhos 03*, ocorrida no ano de 2000.
- No entanto, este depósito apenas foi exumado na *campanha de trabalhos 05*, em 2002. Ainda assim, depois de removida a selagem feita com um depósito de "tout-venant" enriquecido com cimento que preencheu o espaço intervencionado em 2000 até à cota da superfície necessária para fase de obra seguinte e separado da base por rede de sombreamento dobrada!
- Fase de obra seguinte da Estação de 24 de Agosto enquadrada na *contenção periférica* do terreno para a escavação do espaço. No concreto, contenção periférica por meio da execução de *paredes moldadas*, consistindo estas na execução em descontínuo de painéis de betão armado, a partir da escavação por tramos de 1 m de comprimento com impregnação simultânea com lamas bentónicas, para sustentação do terreno em processo de corte.
- Localizava-se o depósito 006f junto ao painel que intersectou o manancial, tendo a escavação do negativo suscitado problemas pela dureza da rocha detectada a cota alta. Foram estas dificuldades de corte susceptíveis de causar contaminação arqueológica originária no depósito de *tout-venant*? Contaminação a partir do depósito de "tout ce qui est venu", ainda que enriquecido com cimento para compactação rápida do terreno? Poderá ser esta a justificação para a presença da asa de grés. *Mas, e para o conjunto de oito fragmentos de porcelana branca de pasta fina e depurada e excelente vidrado, todos da mesma peça?*
- Trabalhos de arqueologia de 2002 a decorrerem a par com a obra, mas sem completa sobreposição de horários: eram estes desfasados no intervalo do almoço e no fim da jorna. Partida de mau gosto por operário? *Mas com um conjunto de oito fragmentos todos da mesma peça e com perfil contextualizável na Dinastia Ming?*
- Não foi tal conjunto detectado em 2002, aquando da exumação, mas sim já no processamento de dados em Gabinete, no Ano de 2004!

### 2.2.2 O registo arqueológico

Por isso mesmo, atente-se no *registo arqueológico* desta peça, agora, não tanto na sua frequentemente camuflada asserção "*materialidades do Homem remanescentes ao desgaste do Tempo*", mas sim na de "*síntese entre o produto da acção do tempo sobre as materialidades remanescentes ao Homem, e a respectiva interpretação dada pelo arqueólogo*".

Porque da responsabilidade exclusiva da signatária, levantem-se algumas falhas de procedimento: *i)* foi o depósito 006f exposto no dia 22 de Fevereiro de 2002, sexta-feira; *ii)* foi a escavação do espaço concluída em 25 de Fevereiro de 2002, segunda-feira; *iii)* não foi conservada a etiqueta original degradada por humidade, quando substituída por refeita em gabinete, na lavagem e marcação de material; *iv)* não foi copiada a data da recolha da amostra na nova etiqueta; *v)* finalmente, destaque-se o processamento tardio, após dois anos sobre a exumação...

## IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS EM JEITO DE POST-SCRIPTUM

O Depósito 006f identificado em Mijavelhas/Campo 24 de Agosto subjacente à intervenção urbana do Século XVI foi sujeito a contaminações, não só porque localizado a cotas de acumulação de água freática, como também porque, apesar de subjacente a lajeado, nem sempre este providenciou uma selagem eficaz. Assim se justificará a presença residual de fragmentos de faianças seiscentistas.

Mas também o poderá ter sido por perturbação pós-deposicional devida à Obra, dado que o lajeado e.040 foi levantado em 2000, pese embora parte do depósito subjacente apenas fosse exumado em 2002. Se bem que remota, esta hipótese! Com efeito, o espaço onde se exumou a amostra 006f foi colmatado com um depósito de "tout-venant" com cimento, tendo ganho presa suficientemente rápida que, presumivelmente, impediria infiltrações. Mas, pelo mesmo se justificará a recolha da visada asa de grés... E, incisivamente, nesta inclusão, mais do que a relativização do valor do *artefacto mais recente* enquanto indicador cronológico para *terminus post quem*, o convite à reflexão sobre a dimensão tempo em Arqueologia: uma dilação até ao presente que faz do *passado um "present continuous"*?

– Mas será tal hipótese extensível ao singular conjunto de oito fragmentos de porcelana branca pertencentes a uma mesma peça, *uma taça de perfil exvasado e pé recuado*?

Pelo inusitado do achado, apenas em 2004 no processamento de dados em gabinete, e pela cronologia temporã de deposição para que aponta o balizamento

final acima apontado – o ano de 1548, relacionado com concessão de aforamento perpétuo a particular –, permitiu-se admitir tal hipótese de contaminação...

Não obstante, haverá que realçar que o perfil desta taça se enquadrada nas tipologias formais Ming – Jiajing, se bem que pintadas a azul, sobre vidrado azulado.

– Por isso, não terá mesmo sido temporã a sua entrada no contexto arqueológico? Talvez sim, à semelhança de outros vestígios de porcelana oriental exumados em contextos do século XVI, designadamente *porcelana branca*<sup>14</sup>, como exemplos trazidos aqui a este Con-

14. Não deverá ser também esquecida a produção Ming designada de porcelana Dehua, exportada para o Japão em largas quantidades, mas a impossibilidade de aprofundar este tema em bibliografia impressa, leva-me a manter tal dado aqui em nota de rodapé. Japão, entreposto primeiro das importações lusas no Oriente.

gresso.<sup>15</sup> Nesta conjugação de dados, que ilações para a História Sócio Económica Moderna de Portugal?

Nunca esquecendo também que “*Falta no Arquivo Distrital do Porto* [a escritura do contrato fateusim de 22 de Setembro de 1548]. *Está inclusa, porém, na sentença de transacção da Câmara com Pero Vaz Soares de Souza, como tutor de seu filho Manuel Cirne, a respeito da água da fonte das velhas* (livro 3.º das sentenças, fls. 377, do Gabinete de História da Cidade)” (Passos, 1955, p. 91).

15. Mencione-se, por exemplo a comunicação de José Pedro Henriques.

## BIBLIOGRAFIA

AAVV (1997) – *Estudo de Impacte Ambiental para o Sistema de Metro Ligeiro na Área Metropolitana do Porto*. Relatório Síntese, COBA.

AAVV (1958) – *Mananciais do Campo Grande e de Mijavelhas. Trabalhos realizados em Fevereiro de 1958*, Serviços Municipalizados das Águas e Saneamentos, (S.M.A.S.), Porto.

BOTELHO, I. T. (1999) – *A Arca de Água do Campo 24 de Agosto*, <http://www.Metro do Porto>. A vida em Movimento/ Inovação/Arqueologia/Campo 24 de Agosto.

BOTELHO, I. T. – *A Terceira Margem. Monografia do Campo 24 de Agosto* (Em preparação).

BOTELHO, I.; SILVA, S. e ALLEN, T. (2009) – *A Pedra de Armas da Arca d’Água de Mijavelhas* <http://www.Metro do Porto>. A vida em Movimento/ Inovação/Arqueologia/Campo 24 de Agosto.

CARVER, M. (1990) – Digging for data: archaeological approaches to data definition, acquisition and analysis. In FRANCOVICH, RICARDO; MANACORDA, Daniele – *Lo scavo archeologico dalla diagnosi all’edizione*. Siena: Università di Siena. p. 45-120.

GALHOZ, N. (1991) – *Fontes, Chafarizes e Bicas d’Água à beira de Estradas e Caminhos*. Lisboa: Junta Autónoma das Estradas.

FERREIRA, P.(1995) – *História da Arte*. Lisboa: Círculo de Leitores. Vol. 2.

HARRIS, E. (1989) – *Principles of Archaeological Stratigraphy*, (2.ª Ed.). London: Academic Press Limited.

HENRIQUES, J. P. (2011) – Do Oriente para o Ocidente: contributo para o conhecimento da porcelana chinesa nos quotidianos da época moderna. Estudos de três contextos arqueológicos de Lisboa, comunicação apresentada ao *Congresso Internacional de Arqueologia Moderna “Velhos e Novos Mundos” (6-9 de Abril de 2011)*.

LOPES, F. – *Crónica de D. João I*. In MORENO, Humberto Baquero, ed., vol I, Biblioteca Histórica – Série Régia, Livraria Civilização Editora.

RIBEIRO DA SILVA, F. (2000) – Tempos Modernos. In RAMOS, L. de O. – *História do Porto*. Porto: Porto Editora.

PASSOS, C. (1955) – O Campo de Mijavelhas e a Quinta do Reimão, *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Porto. XVIII, p. 85-122.

SÁ, A. P. – Elementos para a caracterização da Faiança Portuguesa do séc. XVII: a Tipologia Pendery aplicada à realidade da Casa do Infante, Comunicação apresentada ao *Congresso Internacional de Arqueologia Moderna “Velhos e Novos Mundos” (6-9 de Abril de 2011)*.

SALGADO, M. e MATOS, M. A. (2002) – *Porcelana Chinesa da Fundação Carmona e Costa*. Edição Assírio & Alvim.

SERRÃO, J. V. (1980) – *História de Portugal. O Século de Ouro (1495-1580)*, Lisboa: Verbo, 2.ª ed.

SOUZA REYS, H. D. (1853) – *Aditamento Descrição Histórica das Arcas Fontes e Aqueductos da Cidade do Porto* [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca Pública Municipal do Porto, Portugal.

SOUZA REYS, H. D. (1861) – Apontamentos para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto, vol. I, in BRITO, Maria Fernanda, *Manuscritos Inéditos da Biblioteca Pública Municipal do Porto*. II Série (1984). Porto.

SOUZA REYS, H. D. (1867) – *Mappa Sinóptico Estatístico e Histórico dos mananciais publicos desta Antiga Muito Nobre, Sempre Leal e Invicta Cidade do Porto* [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca Pública Municipal do Porto, Portugal.

VITORINO, P. (1941) – A Ponte do Poço das Patas, *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Porto. IV, p. 63-70.

ZUQUETE, A. D. M. (2000) – *Armorial Lusitano. Genealogia e Heráldica*. Lisboa: Edições Zairol, L.da, 4.ª ed.

[http://en.wikipedia.org/wiki/Blanc\\_de\\_Chine](http://en.wikipedia.org/wiki/Blanc_de_Chine)

<http://www.anaflores.art.br>